

## O jornalismo na construção (simbólica) da nação

ou como o discurso nacionalista produz sentidos na história do Contestado

Karina Janz Woitowicz

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

WOITOWICZ, KJ. O jornalismo na construção (simbólica) da nação: ou como o discurso nacionalista produz sentidos na história do Contestado. In: *Imagem contestada: a guerra do contestado pela escrita do diário da tarde (1912-1916)* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015, pp. 119-145. ISBN 978-85-7798-212-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# O jornalismo na construção (simbólica) da nação

Ou como o discurso nacionalista produz sentidos  
na história do Contestado

---

*“Vemos quanto é forte esta alavanca –  
a palavra – que levanta sociedades inteiras,  
derruba tiranias seculares.”*  
(Euclides da Cunha)

Visíveis e expressivos contrastes marcam o percurso da história da Guerra do Contestado. Vozes variadas e visões polarizadas da realidade disputam sentidos e agem sobre os acontecimentos, constituindo um campo simbólico de projeção e construção de imagens diversas (e divergentes) deste importante episódio da história contemporânea.

Estes contrastes e disputas emergem e assumem materialidade histórica quando enquadrados em um chão social, em um tipo específico de imprensa e em questões que dizem respeito aos vários grupos envolvidos no conflito. Conflito este, vale lembrar, que não está sendo considerado apenas nos limites de sua constituição histórica, mas também no terreno das práticas simbólicas que o envolvem, no qual a imprensa ocupa espaço privilegiado.

Para realizar uma análise do movimento do Contestado retratado/construído na imprensa é importante considerar que a busca de qualquer esclarecimento ou reflexão sobre o assunto passa, necessariamente, por um estudo do processo histórico e da formação cultural da época. Desse modo, torna-se fundamental analisar alguns elementos do pensamento social presentes no período estudado, que coincide com um momento de transição política (da Monarquia à República) no Brasil, além das características socioculturais que contribuíram para a eclosão da Guerra.

Analisando as formas argumentativas que marcaram o pensamento da época, pode-se apreender, por meio da imprensa, as representações que o discurso produz e suas relações com o social. Nessa perspectiva,

os discursos jornalísticos podem ser entendidos como parte integrante e instituidora dos principais acontecimentos do período, devido à sua inegável interferência nos contextos político, econômico, religioso e cultural da sociedade paranaense.

Basta lembrar que a análise da imprensa de uma determinada época faz, inevitavelmente, vir à tona as principais tensões que configuram o cenário de uma sociedade. E a República, com sua projeção simbólica na vida e no imaginário social, torna-se, nos primeiros anos do século XX, o grande eixo temático para se tentar compreender o funcionamento e a organização dos segmentos que entram em conflito e produzem sentidos em função de interesses específicos.

Com base nesta possibilidade de investigar as significações sociais que atravessam os discursos jornalísticos, o tema da nação se configura como um importante viés para uma releitura do pensamento social brasileiro na Primeira República. Afinal, inegável admitir que, ao veicularem ideais nacionalistas, os jornais construía um conjunto de ideias e de ações que visavam a projeção simbólica da nação, passando a representar uma alternativa para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Desse modo, o espírito nacional passa a ser visto, no início do século, como fonte de valores e de conduta, abrindo espaço para uma visão hierarquizada dos indivíduos e uma determinada ordenação do mundo político e social dominante.

Isso justifica uma leitura sócio-histórica do período do movimento do Contestado associada à análise de como a imprensa representa os fatos e contribui para a configuração de um novo campo político no período considerado. A busca de referências e marcas do pensamento social projetadas pelo jornal *Diário da Tarde* na fase de consolidação do regime republicano oferece, assim, alguns subsídios para uma leitura do poder simbólico de construir sentidos pelo dizer, tendo em vista o movimento jornalismo/sociedade e o modo como se refletem, interferem e complementam.

Esta perspectiva, que norteia e delimita a análise dos jornais no caso Contestado, está voltada para a investigação de como os discursos midiáticos projetam e legitimam um projeto nacionalista ao incorporarem os argumentos e posicionamentos oficiais. As formas pelas quais o jornal se aproxima do pensamento hegemônico traçado pelas forças dominantes, expressas na idealização dos militares como representantes da ordem e da justiça, serão aqui observadas dentro de um contexto de legitimação

da República, assim como o envolvimento e o potencial de formação da opinião pública atribuído ao jornalismo no período.

Assim, em meio à formação e à transformação dos modos de “significar” a Guerra do Contestado, vão se construindo sentidos, negando outros e, enfim, construindo representações e histórias. Pela apreensão dos modos de dizer/fazer dos discursos jornalísticos, abre-se uma perspectiva de deciframento de sentidos no contexto político da época, que se procura dar conta nos limites deste estudo de caso.

### **A República, entre vivências e escritas**

O momento histórico marcado pela proclamação e consolidação da República na vivência coletiva dos brasileiros é significativo para compreender os reflexos e a interferência do pensamento pautado no novo regime político nas representações tecidas pelo jornalismo. Admitindo a indissociável relação do jornal com o contexto social em que atua e participa, pode-se avaliar em que medida os discursos jornalísticos contribuem para a projeção dos ideais nacionalistas e dos valores da nova sociedade “idealizada”.

Sabe-se que a República foi a única alternativa para evitar a calamidade da revolução e promover a reabilitação da Pátria. E, desde o início do regime, a orientação conservadora ditou os limites das transformações sociais e políticas. Devido às implicações que a mudança política representava, nos primeiros anos o novo projeto enfrenta não apenas a resistência dos últimos monarquistas, como também a disputa entre as próprias forças vitoriosas na Proclamação pelo controle do poder.

Para Maria Helena Capelato, a República desponta como um novo marco na história do Brasil, expressando o desejo de romper com vínculos do passado e, por meio de um discurso homogeneizador, encobrem-se as alternativas de outros grupos cujos projetos foram derrotados: “a República significa, para seus artífices, o tempo da liberdade” (CAPELATO, 1988, p.46). Contudo, a mesma autora critica o modo como a memória oficial e oficiosa registrou os acontecimentos em momentos como a abolição da escravidão e a proclamação da República, analisando a participação da imprensa no sentido de oferecer uma versão dirigida dos acontecimentos e apagar a participação do povo nas conquistas. Capelato refere-se aos

bastidores das transformações sociais, em que as injustiças e os interesses costumam ser ocultados pelo brilhantismo das comemorações, como aconteceu com a “festa republicana”: “Quanto ao povo, foi convidado a participar da festa, mas não da República” (CAPELATO, 1988, p.46).

O modo como a República se consolida no final do século obedece aos princípios de progresso e desenvolvimento determinados pelo pensamento positivista. Conforme analisa Juliana Maria de Siqueira, no artigo “Além das palavras, além das formas”, são estes princípios que, nos meios republicanos, determinam as ações de propaganda e os planos para a construção da nova ordem, pautando-se nas seguintes orientações: criação da moral positivista, valorização do sentimento de dever, governo autoritário e implantação do sistema capitalista. Segundo a autora, embora o projeto republicano se configurasse estrategicamente em uma ordem antidemocrática, acabou empolgando toda a sociedade sobretudo graças à imprensa e às escolas, que atuaram na formação de consensos sobre o tema (CASTRO *et al.*, 1996, p.78).

Pode-se dizer, portanto, que a construção do ideário republicano se deu por um trabalho simbólico no qual a imprensa ocupa fundamental importância, uma vez que a abertura de jornais e de organizações foi parte constituinte da movimentação no mundo das ideias, abrindo janelas que antes se continham no recatado mundo imperial. Percorrendo o processo de construção do imaginário republicano brasileiro, José Murilo de Carvalho observa que “a manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança social e política, de redefinição de identidades coletivas” (CARVALHO, 1990, p.11). Assim, ao admitir a junção de símbolos e ações políticas na busca pela afirmação da condição nacional, acaba-se recaído constantemente nos modelos de república existentes na Europa e na América.

A própria expressão do pensamento político positivista sintetizado no *slogan* “Ordem e Progresso”, caracterizada pela ênfase no novo, representa metaforicamente a passagem das trevas à luz, reforçando a ideia de que a monarquia fora vencida pelas forças representativas da modernidade. A legitimidade do projeto republicano perpassa os problemas sociais do País e as práticas de manipulação simbólica que procuram evidenciar os rumos do processo de transformação social. Na análise de Carvalho,

Além de ter surgido em uma sociedade profundamente desigual e hierarquizada, a República brasileira foi proclamada em um momento de intensa

## O jornalismo na construção (simbólica) da nação

especulação financeira, causada pelas grandes emissões de dinheiro feitas pelo governo para atender às necessidades geradas pela abolição da escravidão. (CARVALHO, 1990, p.29)

Este espírito de especulação, denunciado amplamente na imprensa, na tribuna e nos romances, dava, conforme o historiador, uma marca ao regime incompatível com a virtude republicana. Neste sentido, a ação tinha de se basear no convencimento, pelo uso de símbolos e da projeção de heróis para a construção de um rosto para o País. Aliada a esse processo, a palavra escrita foi usada abundantemente em livros, jornais e publicações da Igreja como arma principal de convencimento dos setores médios. Mas empregava-se também o simbolismo das imagens e dos rituais (como a bandeira e o hino), embora, sem raiz na vivência coletiva, a busca pela legitimidade do regime tenha caído no vazio.<sup>1</sup>

Em seu estudo sobre a participação popular no regime republicano, Murilo de Carvalho reproduz uma frase que se tornou famosa, do propagandista da República Aristides Lobo, revelando uma visão menos “romântica” da proclamação da República: “O povo, que pelo ideário republicano deveria ter sido protagonista dos acontecimentos, assistira a tudo bestializado, sem compreender o que se passava, julgando ser talvez uma parada militar.”<sup>2</sup>

Sabe-se que nos primeiros anos houve, inclusive, uma espécie de antipatia popular pelo novo regime. Afinal, a expectativa inicial despertada pela República, de uma maior participação, foi sendo sistematicamente frustrada:

Desapontaram-se os intelectuais com as perseguições do governo Floriano; desapontaram-se os operários, sobretudo sua liderança socialista, com a dificuldade de se organizar em partidos e de participarem do processo eleitoral; os jacobinos foram eliminados. Quanto ao grosso da população,

- 
1. A simbologia republicana é destacada na obra de Carvalho pela análise de monumentos, da nomeação de heróis e da tentativa de despertar o sentimento nacionalista na população. A importância da imprensa e do uso de imagens e rituais neste processo é evidenciada pelo autor, ao mesmo tempo em que se revela um desnível entre a tentativa de se criar um consenso “artificial” e a incorporação do projeto republicano no cotidiano dos brasileiros. (CARVALHO, 1990, p.139).
  2. Carta de Aristides Lobo ao *Diário Popular* de São Paulo, em 18/11/1889.

quase nenhum meio lhe restava de fazer ouvir sua voz, exceto a imprensa. (CARVALHO, 1987, p.37).

Embora, de alguma maneira, houvesse um avanço em termos de participação popular em relação ao antigo regime, as decisões que envolviam os destinos do País caberiam só aos mais comprometidos com os ideais de “ordem e progresso”. Trata-se, portanto, de uma abertura relativa à participação do povo no regime republicano, uma vez que nem todos estavam aptos a votar. Na solução adotada, limitou-se o direito de voto apenas aos alfabetizados; como apenas 8% da população sabia ler e escrever, a maioria ficou de fora do âmbito da política. Conforme aponta Jorge Caldeira, a exclusão foi de tal ordem que, na primeira eleição da República, o número de eleitores não ultrapassou o daqueles que haviam participado da última eleição feita nos moldes da Constituição de 1824 (pela qual votava quem tivesse renda superior a 100 mil-réis, fosse alfabetizado ou não).

Diante deste quadro da sociedade da época, que aponta para a exclusão discriminatória nas decisões da política republicana para mulheres, analfabetos e menores de idade, os cidadãos encontravam nas manifestações populares de caráter político um espaço para “dizer” fora dos canais oficiais – por meio de greves e atos públicos. É nesse contexto que acontece, em 1904, a mais importante ação popular da época – a Revolta da Vacina<sup>3</sup>, resgatada no livro de Murilo de Carvalho por meio de textos jornalísticos, ilustrações e fontes oficiais.

Percebe-se, com isso, que a imprensa figurava no referido momento histórico como protagonista dos acontecimentos. Incitando debates e mobilizações, divulgando opiniões e servindo como porta-voz dos mais variados segmentos sociais, o jornalismo revela seu papel na construção dos episódios que marcaram o período republicano. Exemplo disso é o modo como o *Correio da Manhã* se envolve na Revolta da Vacina. Lembra Carvalho que a multidão saiu em passeata até a sede do jornal, onde deu

---

3. Com a saúde pública em crise, teve início a luta pela implantação da vacina obrigatória contra a varíola (prevista desde 1837), a terceira epidemia no alvo de Oswaldo Cruz. A resistência geral à vacinação movimentou a capital; mostra Carvalho que, fora do Congresso, o combate à obrigatoriedade deu-se principalmente na imprensa, destacando-se o *Correio da Manhã* e o *Commercio do Brazil*, que pregavam a resistência à vacina por meios legais ou pela força, pois consideravam a intromissão do governo um “despotismo sanitário”, chegando inclusive a divulgar que a “honra da família estava ameaçada”, pois os agentes de vacina “violariam os lares e desnudariam braços e colos de filhas e esposas”. (CARVALHO, 1987, p.100).

vivas ao *Correio da Manhã* e morras a jornais que apoiavam o governo (como *O Paiz* e *Jornal do Commercio*).

O modo como os jornais produzem sentido, angulam e contextualizam os agentes envolvidos reflete a própria essência do jornalismo: construir significados (variados e até mesmo contraditórios) pelo discurso. A ideia de um “lugar de fala” formado pelas diversas vozes que disputam na imprensa um espaço de publicização das ideias, apontada pelo autor pela recuperação histórica da Revolta da Vacina, serve como eixo possível para a reflexão sobre efeitos e as variações de sentido presentes também na imprensa do Contestado.

Afinal, assim como na revolta de 1904 a indiferença do governo em relação aos sofrimentos da população – que culminou na legítima defesa dos direitos civis como tema da primeira campanha publicitária de êxito no Brasil – ganha visibilidade pela ação discursiva da imprensa, as tensões sociais que se estabelecem durante a Guerra do Contestado podem ser observadas pelo modo como o jornalismo faz transparecer e estimula os confrontos entre os diversos segmentos, devido ao seu poder de construção da realidade pelo dizer.

Tendo em vista o cenário da sociedade da época, a análise caminha na tentativa de observar as marcas presentes nos discursos sobre a questão do Contestado, de modo a reconhecer nos textos jornalísticos veiculados no *Diário da Tarde* momentos significativos da construção da história na/ pela imprensa.

### **Discursos e ações: o jornalismo e a instituição do imaginário**

Como a ideia de nação faz parte do universo simbólico, sua valorização visa proporcionar sentimentos de identidade e de alteridade a uma população que vive e se originou em um mesmo território. Os grupos, categorias ou segmentos sociais constroem e utilizam um referencial simbólico que lhes permite definir seus interesses específicos e projetar significados a fim de criar uma “identidade coletiva” que, no caso analisado, faz transparecer os ideais do projeto nacionalista.<sup>4</sup>

---

4. “É importante ressaltar que não existe, nem nunca existiu, um único nacionalismo. O desenvolvimento do nacionalismo foi determinado pelos problemas que cada nação enfrentou ao



Lúcia Lippi Oliveira, ao estudar a nação como forma de obter um tipo de identidade coletiva, analisa os condicionamentos presentes na produção, divulgação e consagração dos bens simbólicos: “Falamos em nação ora como mito, ora como ideologia, ora como percepção do senso comum. No entanto, nação não é um conceito científico, e sim um conceito que pretende legitimar uma dada construção social da realidade.” (OLIVEIRA, 1990, p.21).

Importante destacar, no que diz respeito à constituição dos processos sociais pelas práticas discursivas, a presença da história como produção simbólica ininterrupta que organiza sentidos pela linguagem. É por meio deste encontro entre o dizer e sua historicidade que se pode apreender a dimensão simbólica dos processos midiáticos.

Partindo dos investimentos de sentido que se formam e conformam em momentos históricos específicos, pode-se conceber o ideário republicano além de suas dimensões práticas na experiência social, considerando-o sobretudo como parte de um sistema imaginário que contribui para a consolidação do regime. O tema da nação, nesta perspectiva, procura despertar o sentimento de pertencimento a uma sociedade, seja nomeando aliados ou criando figuras heroicas por meio da mitologização.

É neste espaço reservado para um discurso sobretudo enaltecedor da nação que recebem destaque nos periódicos o culto ao Exército e à glória militar. Como “a produção de uma ideologia nacionalista, fundada nas representações políticas de um grupo específico, é capaz de orientar a ação em tempos de crise ao propor formas de salvação da pátria” (OLIVEIRA, 1990, p.66), o discurso nacionalista se faz presente no imaginário coletivo pelos argumentos da identidade e da tradição.

Em se tratando da Guerra do Contestado, pode-se perceber o posicionamento do jornal *Diário da Tarde* por meio de seus recursos e mecanismos discursivos. Os valores do nacionalismo e do civismo são tematizados constantemente nos enunciados sobre a revolta sertaneja, refletindo um movimento nacional que procurava exaltar esta ideologia a fim de reafirmar a República e a figura dos militares num período conturbado e repleto de incertezas.

Analisar o discurso jornalístico é considerá-lo do ponto de vista do funcionamento imaginário de uma época: o discurso jornalístico tanto se

---

procurar a realização de um destino comum que proporcionasse auto-identificação e sentido de pertencimento à sua população.” (OLIVEIRA, 1990, p.44).

comporta como uma prática social produtora de sentidos como também, direta ou indiretamente, veicula as várias vozes constitutivas daquele imaginário. A partir das formas de inscrição da historicidade na linguagem, podem-se perceber os processos midiáticos que atuam na perpetuação e construção de determinados sentidos em detrimento de outros, organizando os acontecimentos de modo a orientar – simbolicamente – uma dada visão da realidade.

Neste trabalho de anunciar e construir acontecimentos, uma das características observadas no jornal *Diário da Tarde* é a oficialidade; o periódico dedicava espaços nobres do veículo para a divulgação de depoimentos e notas das forças da República. Nestes espaços, a grandeza das ações militares, em contraste com a “crueldade e ignorância” dos sertanejos do sul, são constantemente exibidas por meio de matérias que ressaltam o heroísmo, a bravura e a superioridade dos “guardiões da ordem”, conforme sugerem os fragmentos de texto abaixo:

As primeiras virtudes militares são o caráter e a energia; depois vem a inteligência e o saber. (05/01/1912)

Se o militarismo é uma estrada cuja extrema curva é a morte ou a glória, se a profissão das armas não é um meio de viver, senão uma preparação lógica da morte, então a educação militar tem por fim fazer conhecer ao soldado seu papel no seio da nação e excitar os nobres sentimentos de solidariedade, devotamento, confiança e abnegação que farão deste um completo guerreiro. (05/01/1912)

Estes trechos do jornal paranaense evidenciam a presença de uma cultura hegemônica que perpassa os ideais republicanos. Os argumentos baseados nos sentimentos de dever, civismo e patriotismo aqui destacados aparecem também em outros momentos do período analisado como pano de fundo para a caracterização dos militares em meio aos conflitos da Guerra do Contestado; é baseando-se neste tipo de construção simbólica que os textos jornalísticos tratam o movimento como uma campanha militar impulsionada pelo fanatismo, ignorando o conflito social e as condições de miséria e exploração dos sertanejos. Desse modo, a exaltação do patriotismo e das figuras militares como representantes da nacionalidade se faz presente nos jornais, consolidando o Contestado na história oficial a partir

dos esforços e virtudes dos militares em assegurar a paz tumultuada pelos fanáticos de José Maria.

De acordo com Oliveira, o estilo ou perspectiva de pensamento significa a maneira pela qual se vê um objeto, o que se percebe nele e como alguém o constrói em pensamento. Assim, “o pensamento de todas as partes em todas as épocas é de caráter ideológico” (OLIVEIRA, 1990, p.17). Dentro de um quadro de representações que consolida o projeto republicano/nacionalista, interessa observar como o discurso jornalístico legitima determinados poderes e dá visibilidade a seus símbolos, esboçando uma história por meio da oposição entre um “nós” (representado pelas virtudes dos militares) e um “eles” (formado por sertanejos rebeldes e, portanto, não patrióticos).

Ao incorporarem o papel de porta-voz dos acontecimentos da Guerra do Contestado (vale lembrar que as informações chegavam até os jornais por telegramas do Exército, inclusive número de baixas, resultado de investidas e relatórios de combate), os militares abrem espaço para a construção de uma imagem predominante dos acontecimentos, que é polemizada por meio das relações com demais grupos e instituições que agem no espaço simbólico da imprensa paranaense.

O discurso predominante da ideologia republicana, ao transparecer nos enunciados jornalísticos, oferece aqui importante elemento para a observação dos sentidos produzidos no imaginário social. A partir da apreensão de algumas formas de significar os acontecimentos do Contestado, procura-se detectar um campo polêmico instituído pelas vozes oficiais, autorizadas a emitir conceitos e trabalhar as regularidades e diferenciações da caracterização dos envolvidos no conflito. Ou seja, trata-se da compreensão dos modos pelos quais os processos midiáticos produzem e articulam sentidos ao longo dos episódios do Contestado.

### **Apelos e angulações de um discurso militarista**

Ao produzirem sentidos, os media não estão apenas refletindo um mundo exterior, mas também as práticas daqueles que detêm o poder de determinar as angulações dos acontecimentos na vivência dos leitores. Mais do que considerar os registros jornalísticos como aquilo que realmente aconteceu, pode-se ver nestes registros as práticas das pessoas que fazem, direta ou indiretamente, estes mesmos registros.

No decorrer dos acontecimentos da Guerra do Contestado, pode-se perceber o entrelaçamento entre o simbólico e o real nos discursos que retrataram e construíram os episódios ao longo de cada conflito. Visões românticas da ação dos militares, relatos estereotipados do lado “subversivo” e destaque para aclamações populares aos aliados projetam um imaginário que se materializa em cada combate, praticamente de maneira independente do fracasso ou do sucesso das forças militares, que detêm o poder (na sociedade e na imprensa).

Esta questão transparece no tratamento excessivamente emotivo dado pelo jornal para informar o momento que deu início à Guerra do Contestado, quando o Regimento de Segurança do Paraná embarca para Palmas para dispersar os sertanejos que estavam então reunidos em torno do líder José Maria. O Paraná, na verdade, interpretou a chegada dos seguidores do monge na região de Irani como uma invasão catarinense ao território de limites ainda indefinidos.

Segundo Maurício Vinhas de Queiróz, desde o início, quando se espalhou o boato da “restauração da monarquia”, o governo do Paraná recebeu com extrema inquietação as notícias do movimento em torno do novo monge.

Chegou a julgar que se tratava de manobra por parte de Santa Catarina a fim de guarnecer o Contestado com tropas federais e garantir assim a execução da sentença do Supremo Tribunal no caso dos limites. Essa versão deixou de prevalecer desde que o bando de José Maria penetrou em território sob a jurisdição do Paraná. (QUEIROZ, 1981, p.90).

Diante da decisão de enviar tropas para expulsar os “intrusos” da área, é nomeado o coronel João Gualberto (personagem bastante conhecido na sociedade curitibana pela atuação nas forças militares, na Sociedade de Tiro Rio Branco e nas páginas do jornal *Diário da Tarde*, do qual era colaborador) para chefiar a expedição em defesa do território paranaense, fato este amplamente comemorado pelo jornal:

O dr. Carlos Cavalcanti, visivelmente comovido, pronunciou algumas palavras, salientando a sua satisfação pela rapidez com que o Regimento se movimentara. Disse que à frente da força ia o coronel João Gualberto, oficial que tanto se destaca pelo valor, pela competência e pelo espírito

organizador do oficial que é um dos belos ornamentos do Exército, onde os há, felizmente, em abundância. As ordens são as mesmas que eu já dei ao ilustre comandante. Trata-se de um caso simplesmente policial e espero que o glorioso Regimento, habituado a manter a tranquilidade pública, corresponderá à confiança do governo. Tem essa certeza porque o Regimento sempre desempenhou com presteza os serviços do Estado.

(...) À proporção que se aproximava a hora da partida, que se realizou às 7 da noite, crescia a excitação no povo, que, afinal, rompeu de vez quando o comboio se movimentou. Foram erguidos calorosos vivas ao Regimento de Segurança, ao Paraná e à República. Do comboio, a soldadesia, entusiasmada, levantava os mesmos vivas. Seguiu o trem atirando, por despedida, a banda de cornetas e tambores uma marcha triunfal, cujos ecos se casavam com o das aclamações populares. (14/10/1912)

É neste clima de exaltação do dever de defender o Estado, que encontra respaldo nas manifestações do povo, que o jornal constrói um espaço para “dizer” a realidade, a partir de enfoques e angulações já dadas. A despedida, conforme registrado no jornal, é envolta de um tom comemorativo e de apoio popular; afinal, trata-se da prova concreta dos deveres e virtudes das forças militares, que passam de discursos recorrentes à vivência da sociedade curitibana. Esta percepção pode ser verificada no relato de um oficial ao *Diário da Tarde*, no momento em que se anuncia a necessidade de conter a reunião de sertanejos na área contestada:

As nossas almas (nós éramos 15 oficiais) eram tomadas pela saudade profunda de deixarmos os entes queridos a quem mais amamos. Mas, que fazer, é esta a missão do soldado; não há remédio senão de, com orgulho, cumpri-la. A locomotiva rolou rumo sul, em busca do Rio Caçador, donde devíamos continuar, a cavalo, em procura desse lendário monge de longas barbas e unhas crescidas, a maneira dos sacerdotes egípcios. (05/10/1912)

O jornal, assumindo um caráter de oficialidade diante dos acontecimentos, noticia o envio de tropas reafirmando os argumentos que dão legitimidade aos ideais dos militares. No entanto, a iniciativa acabou frustrando drasticamente os que apostaram no poder das forças militares no combate em Irani. Aliás, importante destacar que registros históricos e relatos da guerra demonstram que os fanáticos de José Maria não desejavam

combater; tanto assim que pediram prazo para dispersar-se pacificamente, argumentando que não tinham interesse algum na questão de limites.

No entanto, do outro lado, as decisões já estavam tomadas. “Ainda em Curitiba, após aceitar a missão de que fora incumbido, o comandante da força pública não escondia aos íntimos quais os objetivos em que se empenhava: levava cordas e havia de trazer os bandidos todos, amarrados”.<sup>5</sup> Sabe-se que, assim que chegou ao município de Palmas, o coronel enviou até José Maria um importante “recado”<sup>6</sup>, que não é aceito pelo monge por estar “escrito a lápis”. A partir de então, trava-se o primeiro combate da história do Contestado. A catástrofe do Irani foi motivo de comoção generalizada, contagiando inclusive o redator do jornal, pela descrição minuciosa das informações disponíveis.

À nossa redação pediam informes e o telefone tilintava de momento a momento tangido por pessoas que tiveram seus entes queridos no campo de ação, por amigos que indagavam o que havia. Não tardou que tivéssemos a notícia oficial da tremenda catástrofe. No auge da dor que nos dominou, faltou-nos coragem para contar ao povo a desgraça que nos feria.

A avançada das forças paranaenses, composta de 70 homens, sob o comando do denodado coronel João Gualberto, fora exterminada em combate renhido com a horda de bandidos não em pequeno número mas montando uma força de 500 homens bem armados e municidados.

Entre os nossos bravos sucumbiram o brioso militar, o brilhante ornamento do Exército Nacional, coronel João Gualberto, que heroicamente caiu sobre a metralhadora que pessoalmente dirigia. Morreram também os alferes Libindo e Sarmento, caindo com bravura ao lado dos seus soldados, outras tantas vítimas do cumprimento do dever. Toda sociedade paranaense enluta-se, participando

---

5. Queiroz, em seu estudo sociológico sobre a Guerra do Contestado, recupera importantes informações como esta declaração de João Gualberto por meio da história oral. (QUEIROZ, 1981, p.94).

6. “Acampamento do Regimento de Segurança nos Campos do Irani em 20 de outubro de 1912. Senhor José Maria. Deveis comparecer a este acampamento com a maior urgência a fim de explicardes o motivo da reunião de gente armada em torno da vossa pessoa, alarmando os habitantes dessa zona e infringindo as leis do Estado e da República. Caso não atenderdes a essa intimação que me ditou o cumprimento do dever e o sentimento de humanidade, comunico-vos que que dar-vos-ei já franco combate e a todos que foram solidários convosco, em verdadeira guerra de extermínio a fim de voltara essa zona do Estado o regime da ordem e da lei [...]” (QUEIROZ, 1981, p.95).

da dor que inconsolavelmente atormenta as famílias dos mortos. Se consolo pudesse haver para a mágoa esse estaria na desolação em que se encontra a alma do Estado. Às famílias das vítimas heróis ao estado e ao ilustre dr. Carlos Cavalcanti, o *Diário da Tarde* envia sinceras condolências. (23/10/1912)

Poderia ser listada uma série de adjetivos que são utilizados pelo jornal para fazer referência ao coronel encarregado da expedição e às ações das forças militares – como brioso, brilhante, heróico, denodado, bravo. Mas, além da explicitação destas características, é relevante observar também os argumentos em que o jornal se baseia para informar seus leitores, mesmo “faltando coragem para contar ao povo” as trágicas notícias. No relato comovido, verifica-se claramente o envolvimento do jornal com um “nós”, na medida em que se lamenta as perdas do combate, sem informar os motivos pelos quais se combateu e as baixas “do outro lado”.

Registros oficiais revelam que o Regimento de Segurança do Paraná havia partido de Curitiba com aproximadamente 400 homens, dos quais o coronel Gualberto tirou 43. Reunidos estes ao contingente do tenente Busse, somavam uma força de apenas 64 homens, que assim atacaram os “fanáticos do Irani”. Sob as ordens de João Gualberto, a tropa do governo enfrentou pouco mais de 200 sertanejos (QUEIROZ, 1981, p.100). Estes números, entretanto, não coincidem com as informações divulgadas pelo jornal, de 500 “bandidos” bem armados.<sup>7</sup>

---

7. Sobre a entrada do coronel João Gualberto nos sertões, o jornal divulga relatos mais ou menos precisos de testemunhas dos acontecimentos, como o que segue, trazendo assim importantes referências sobre a versão oficializada dos fatos e as especulações em torno do monge: “Antes, muito antes de mover-se o Regimento de Segurança, já corriam aqui em União da Vitória desencontrados boatos sobre o monge José Maria. Ora, o monge tinha 200 homens outrora, o monge proclamava a monarquia em Campos Novos e, por último, já ele tinha tomado conta da cidade de Palmas, onde havia aprisionado diversas pessoas de influência política etc. Diante dessas contradições, reservei-me calado, sem nada querer adiantar a esse vespertino, que me honra em aceitar as minhas pobres linhas, tão rudes quanto o meu espírito. Já nada mais adiantarei em dizer que o glorioso Regimento de Segurança, sob o comando de brioso militar João Gualberto, aqui desembarcou debaixo de chuva, que atravessou as ruas em garbosa marcha, ao som da música de tambores e cornetas; que se alojou na casa do coronel Amazonas, a beira do Iguaçu, improvisada em quartel e que, ainda mesmo chovendo, o povo num delírio extraordinário levantava entusiásticos vivas ao Paraná, ao dr. Presidente do Estado, ao Regimento de Segurança, ao dr. Chefe de polícia e ao coronel João Gualberto. (...) Bem informado estou que o Regimento, após chegar aos campos de Palmas, dividiu-se da seguinte forma: 30 praças foram destacar na cidade de Palmas; 63, inclusive o piquete da

Segundo estudo de Marli Auras, por volta das 7 horas da manhã a vanguarda troca os primeiros tiros com os fiéis. Pouco depois, uns 200 sertanejos, a pé e a cavalo, caíram de supetão sobre os soldados.

Avançando sobre a tropa, não obstante os tiros que abriam claros em suas fileiras, os seguidores do monge fizeram grandes estragos nos policiais, com seus facões e espadas de pau e com as armas de fogo de que dispunham. No meio da luta, José Maria caiu prostrado por uma bala. Quando os soldados, apavorados, começaram a se dispersar, um grupo de caboclos enfurecidos cerca João Gualberto e, enquanto o matavam, um fanático grita para os demais: “piquem este desgraçado que ele é o único culpado”.

Entre mortos e feridos, um terço das forças policiais foi destruído. Muitos sertanejos também morreram. Estava, desta forma, concluída esta batalha nos campos do Irani, na manhã do dia 22 de outubro de 1912. José Maria, o monge que assumiu, a contragosto, o comando dos sertanejos em direção a esta luta armada estava morto. Estava morto também João Gualberto, comandante da força policial, sem ter logrado atingir seu intento: desfilar pelas ruas de Curitiba com a prova de seu destemor e de sua maior vitória – o monge e seus “fanáticos”, todos amarrados. (AURAS, 1997, p.69).

Dias depois do combate, em seguidas manchetes, os jornais de Curitiba referiam-se à “tragédia de Irani”. A cidade, em comoção, recebeu apenas no dia 5 de novembro o corpo do coronel João Gualberto, permanecendo em visitação pública até o dia 7, na Sociedade de Tiro Rio Branco. O desfecho do combate assumiu grande impacto na sociedade curitibana, assim como um grande tema para o jornalismo; vale lembrar que as homenagens ao coronel se tornaram uma grande campanha de apoio popular aos militares, na qual os jornais assumem inegável

---

cavalaria, seguiram ontem ao encontro do monge, na costa do rio do Peixe, tendo ficado o resto do Regimento acampado na fazenda do sr. Felipe Bueno, distante da cidade de Palmas cerca de dez léguas. O coronel João Gualberto seguiu com a pequena força até o esconderijo do monge, tendo levado as metralhadoras em cargueiros, por picadas intransitáveis. O que é de admirar é que o monge mandou um parlamentar conferenciar com o coronel João Gualberto, dizendo que a sua atitude era toda pacífica e que quisera ser amigo do Paraná (*ilegível*). Para evitar complicações, o próprio espião ou parlamentar marchou junto com a força, pois o seu intuito era avisar o monge.”(24/10/1912)



importância. As manifestações populares são amplamente divulgadas pelo *Diário da Tarde*, que também incorpora o sentido da luta em seus relatos e comentários.

O povo dirigiu-se pelas ruas Dr. Muricy, 15 e Rio Branco, erguendo vivas ao Paraná, ao dr. Carlos Cavalcanti e à memória do coronel João Gualberto e ao Regimento de Segurança. Em frente ao Palácio, estacionou-se e fez um silêncio profundo. Falou então o sr. Dario Velloso, que enalteceu o bravo coronel João Gualberto e disse ao sr. Presidente do estado que o povo esperava que o governo apontasse o caminho a seguir para vingar o sangue paranaense. O dr. Carlos Cavalcanti respondeu pedindo calma ao povo e dizendo que saberá honrar o nome paranaense e zelar pelos destinos da terra à qual há muito consagrava seus esforços. (...) Gualberto era um bravo, há muito que se queria bater pelo Paraná que ele tinha dentro de sua alma. Pedia ao povo toda a calma neste momento supremo, confiante na ação do governo que está inteiramente ao lado do povo. E culminou dando vivas ao Paraná. (24/10/1912)

As homenagens tornam-se, também, momentos de manifestação política. Afinal, ressaltando as ações patrióticas das forças que lutaram e morreram em Irani, também se transfere apoio aos segmentos diretamente responsáveis pela “ordem e progresso”, nos limites do Estado. Daí a importância de mostrar ao povo que o governo está ao lado dele, como insistem os jornais em vários momentos da Guerra do Contestado.

As práticas discursivas, em situações plenas de significação como a que deu início ao movimento, são o terreno em que se formam os consensos e as ideias em torno das batalhas. Por isso, torna-se inegável, no referido contexto, a participação da imprensa na constituição (histórica) da memória oficial do Brasil, angulando os acontecimentos de acordo com os traços do pensamento hegemônico da sociedade da época.

Para Bethânia Mariani, no artigo “Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória)”, o discurso jornalístico,

[...] enquanto prática social, funciona em várias dimensões temporais e simultaneamente: *capta*, *transforma* e *divulga* acontecimentos, opiniões e ideias da atualidade – ou seja, lê o presente – ao mesmo tempo em que *organiza* um futuro – as possíveis consequências desses fatos do presente –

e, assim, *legítima*, enquanto passado – memória – a leitura desses mesmos fatos do presente, no futuro. (MARIANI apud ORLANDI, 1993, p.33).

O discurso jornalístico, neste sentido, se insere no processo histórico de seleção dos acontecimentos que devem integrar a história/memória oficial. Mais do que isso, os processos de seleção de ângulos e adoção de formas de dizer acabam por engendrar e fixar determinados sentidos para os acontecimentos, de modo a integrar, no próprio discurso, uma forma de legitimação do passado. Assim, vão se produzindo escritas e leituras que, amparadas em um contexto de reafirmação da essência nacionalista, produzem determinados sentidos (e não outros) no caso de imprensa da Guerra do Contestado.

Procuramos nesta etapa da pesquisa investigar em que medida tais discursos interferem propriamente nos acontecimentos, envolvendo indivíduos e grupos na luta, não apenas simbólica, pela paz no território contestado. Formando opiniões, registrando combates e incitando decisões de interesse público, o jornalismo interfere no cotidiano e não apenas escreve, mas também lê, complementa e movimenta a realidade, oferecendo e construindo sentidos na história.

### **A imprensa na invenção (e mitificação) de heróis**

Os positivistas, influenciados pelas ideias de Comte, defendiam a tese de que os militares eram cidadãos especiais que, devido à sua formação e disciplina, eram os únicos capazes de comandar o desenvolvimento racional do país. Decorre deste pensamento uma marcante idealização das figuras militares no imaginário social do período republicano, que orienta a ação da imprensa nos fatos que dizem respeito aos interesses na nação.

É baseando-se no posicionamento dos jornais no tratamento de acontecimentos que marcaram a história do Contestado que se pode tratar o discurso jornalístico como um importante suporte para uma percepção mítica dos “heróis” que defenderam o Paraná em momentos distintos da revolta sertaneja. Afinal, lembrando das noções de mito propostas por Roland Barthes, pode-se dizer que a imprensa tem o poder de alimentar um mito, deslocando-o do sentido real para o

imaginário, pela ação de designar e notificar, fazer compreender e impor um significado.<sup>8</sup>

Neste sentido, a imprensa se encarrega de preencher os acontecimentos cotidianos de significados míticos, manifestando predisposições e intencionalidades que contribuem para uma determinada leitura da realidade. Ao tratar o mito como um valor, que não tem a verdade como sanção, Barthes assim interpreta sua carga ideológica: “Se a nossa sociedade é objetivamente o campo privilegiado das significações míticas, é porque o mito é formalmente o instrumento mais apropriado para a inversão ideológica que a define.” (BARTHES, 1982, p.163).

A partir do reconhecimento do mito no imaginário de uma sociedade, pode-se perceber algumas estratégias de construção dos “heróis” do Contestado tendo como referência os processos midiáticos. Para além da “verdade da informação”, sabe-se que aquilo que se diz (e pelo modo com que se diz) constitui importante componente para determinada construção do real, envolvendo diversos segmentos sociais (com interesses e perspectivas específicos) no campo simbólico da imprensa.

Nos discursos observados no *Diário da Tarde*, as estratégias de constituição dos mitos pautam-se em uma visão idealizada das figuras militares, principalmente nos primeiros combates. A forma personalizada de evidenciar características de bravura e coragem é fortemente acentuada nos textos do jornal, tornando explícitas alianças e posicionamentos. Os jornais projetam, por meio das palavras, uma vida de gestos patrióticos...

João Gualberto nasceu para a nobre missão do civismo: a sua vida foi uma série contínua de atos e de iniciativas patrióticas que o sagraram benemérito. A nossa homenagem ao herói do Irany sai da pena, pálida e desalentada: os círios do fundo pesar com que recebemos a infausta nova da tremenda catástrofe só podem refletir uma luz embaciada pelos crepejamentos da pungência. O grande amigo João Gualberto era uma alma voltada para a irradiação da glória: bem moço ainda, quase desconhecido, coube-nos o prazer de acolhê-lo nas colunas deste Diário, hoje justa e largamente tarjado de luto. Era um jovem engenheiro militar que se propunha a escrever sobre

---

8. Para Barthes, o conteúdo do mito é sempre ideológico e a forma, sempre retórica: “a fala mítica é formada por uma matéria já trabalhada em vista de uma comunicação apropriada: todas as matérias-primas do mito pressupõem uma consciência significante.” (BARTHES, 1982, p.132).

## O jornalismo na construção (simbólica) da nação

a reorganização do Exército uma série de artigos: a assunto palpitava a atualidade. O jovem militar, oculto sob a inicial J., traçou, destas colunas, magníficos artigos sobre assuntos militares que despertaram geral interesse entre os seus camaradas e as demais classes cultas.

(...) O seu feito, atirando-se como um herói contra hordas bárbaras de desertores da lei, indo buscar a morte onde tivesse a glória poderia ser um erro de estratégia como dizem uns, ultrapassando as ordens recebidas; mas foi, incontestavelmente, um rasgo memorável dessa bravura indômita que caracteriza os grandes guerreiros. Cabe à crítica militar e histórica a sentença final sobre o caso, que não devemos prejudicar. (29/10/1912)<sup>9</sup>

...e uma morte para torná-los heroicos.

À tristeza do dia sucedeu a imensa desolação da noite, palidamente iluminada por um luar de agonia. Os focos da iluminação pública envoltos à meia luz daquelas horas silenciosas emprestavam à cidade o aspecto verdadeiramente emocionante. E a multidão, como sombras de sua alegria que havia fugido, vagava em ondas, num murmurar de dor e de consternação. E foi sob a torturante impressão dessas horas de inconsolável martírio d'alma que ela foi até a rua Barão do Rio Branco levar ao presidente do Estado a sua solidariedade. Depois voltou. E como que montando guarda a um tumulto enorme que se havia aberto, estacionou pelas esquinas, por todos os pontos, enquanto ao longe os relâmpagos de próxima tempestade vinham clarear aquele quadro de uma população em luto. E depois veio a chuva regar em torrente o solo da terra, enquanto o coração do povo regado estava de lágrimas torturantes... (24/10/1912)

Os heróis são assim. A vida é nada quando se tem a defender um nome que é um símbolo de virtudes cívicas. O bravo João Gualberto o compreendeu. Depois de entrar na luta, fosse qual fosse o inimigo, ele

---

9. Os atos do militar, pode-se perceber, nem mesmo chegam a passar pelo juízo do jornal, principalmente no que diz respeito aos riscos de uma operação precipitada. Este texto do *Diário da Tarde* ilustra bem esta questão, no momento em que argumenta que não cabe ao jornal e à sociedade prejudicar o caso, mas à crítica militar e histórica. Crítica, aliás, que em momento algum é resgatada pelo jornal, produzindo assim o efeito de legitimidade aos atos do coronel na tragédia de Irani.

daria todo o seu sangue, o seu derradeiro alento, ou cairia contra o solo imaculado, aquele a que já não lhe pertencia, mas sim à terra que ele amava e pela qual queria morrer. Até agora são díspares as notícias vindas do campo da luta. O que se sabe, porém, de positivo e que se afirmem desde o início é que o valoroso militar afrontou de ânimo absoluto as balas dos sicários e no entrevero, corpo a corpo, braço a braço, João Gualberto defendeu e atacou, alucinadamente, vendendo a sua vida preciosíssima e deixando mais esse exemplo incomparável de coragem, que constitui um orgulho para os seus filhos e uma glória para o Paraná. Felizes os que, como João Gualberto, caem para a morte na convicção de que legam à Pátria e à família um nome que é toda uma história de honra e de bravura.

[...] Os mesmos paranaenses que aplaudiram João Gualberto, em sua passagem para a capital da República, comandando o Tiro Rio Branco, consternaram-se, despertando com dignidade do calmo labor de todos os dias. E vibraram na praça pública. Vibraram por João Gualberto. Vibraram pelo Paraná. Vibraram pela República. E não foram poucas as lágrimas que caíram dos olhos piedosos e castos... (28/10/1912)

Inúmeras são as “virtudes cívicas” lançadas ao longo dos textos, de maneira a compor um perfil heroico ao jovem coronel que combateu em Irani, traçando em sua trajetória os elementos do patriotismo que culminam com sua morte. É justamente pelo desfecho da luta que os “feitos heroicos” se potencializam, sendo carregados de valor simbólico. Afinal, dando o sangue “à terra que ele amava e pela qual queria morrer”, ou, no mesmo sentido, caindo para a morte “na convicção de que legava à Pátria e à família um nome que é toda uma história de honra e de bravura”, João Gualberto dá um importante testemunho do compromisso pela defesa do território paranaense, a qualquer custo.

Toda construção discursiva aponta para o reconhecimento do povo nas ações militares, e uma verdadeira comoção generalizada diante da morte do coronel. Estas percepções ficam ainda mais evidentes no tratamento dado pelo jornal na cerimônia de sepultamento do “herói do Contestado”<sup>10</sup>, considerado ainda hoje o mais “pomposo” funeral da história de Curitiba. Na ocasião, o jornal publica na capa a foto do coronel, com detalhes sobre sua trajetória e o ritual de despedida. O longo texto que segue oferece

---

10. A denominação “herói do Contestado” é encontrada frequentemente em livros históricos sobre a Guerra para fazer referência ao coronel João Gualberto.

importantes elementos para identificar o destaque dado ao assunto e o modo como o jornal constrói uma imagem mitificada do oficial, em meio a homenagens e comprovações dos atos cívicos que orientaram a luta no Contestado:

Marchando para a vida prática onde o homem traduz em atos concretos de utilidade imediata as aptidões subjetivas de sua inteligência, João Gualberto escolheu o Paraná para o campo de sua atividade. Aqui edificara o seu lar, aqui levantara o seu círculo de afetuosidade que, com o andar do tempo e as sucessivas explosões heróicas de seu espírito, deveriam tomar à roda de si uma verdadeira legião de amigos e admiradores.

Enorme o coeficiente de serviços utilitários que andou João Gualberto a efetuar no vasto território paranaense. Nos sertões do oeste, chefiando uma das comissões militares que levaram a Foz do Iguaçu a linha do telégrafo, ele deixou estampadas as tintas vivas de uma inteligência superior e afeiçoada ao trabalho.

Como oficial do Estado maior em Curitiba, que melhor testemunho de seu colossal altivismo do que essa manifestação rara de que ele fora objeto no dia em que se despediu de seus camaradas ao entrar para o Regimento de Segurança.

Senhores! O Paraná tinha no comandante Gualberto não já um simples amigo, não já um simples afeiçoado, mas um perfeito fanático pelo seu progresso, pela sua paz, pela sua grandeza. Jurara um dia o moço patriota estar decidido a morrer pela nossa terra e foi no cumprimento de uma missão para ele sacratíssima, indo em pessoa enfrentar os inimigos da ordem, que nos sertões do Irani se anunciavam como os precursores de uma série de fatos altamente prejudiciais ao equilíbrio político e econômico que nos cumpre assegurar e defender, que João Gualberto sacrificou sua vida, numa peleja memorável, que deixou a impressão de uma carnificina horrível, mas que teve por conseqüência a morte de José Maria – a cabeça diretriz do movimento subversivo – e com ela a paralisação desse movimento. Senhores! O Paraná fez um ato de indefectível justiça inclinándose diante do cadáver desse herói em cuja frente tremula a flâmula de um caráter digníssimo e lampejam os clarões de um sacrificado nas aras do dever e do patriotismo, e ao mesmo tempo registrando o seu nome na lista dos seus grandes beneméritos.

Antes do caixão mortuário transpor os umbrais do campo santo, o 6º Batalhão de Infantaria que ali aguardava o corpo recebeu-o com três estrondosas salvas.

Conduzido para o mausoléu o caixão mortuário, ali chegado, foi colocado sobre dois suportes, fazendo-se ouvir então o dr. Niepce da Silva. Findas as orações o caixão baixou a sepultura, debaixo de lágrimas.

(...) Ainda não ficou, hoje, completamente terminado o mausoléu em que repousam os restos preciosos do valoroso herói do Irani. Entretanto, pode-se avaliar a beleza do monumento. É um túmulo digno de guardar o corpo venerado de um herói que não vacilou para tombar em defesa da honra de um povo inteiro.

(...) As crianças, desfilando à frente do cortejo, espargiam, ao lado das lágrimas sinceras, milhares de flores pelo caminho em que deveria passar o herói. Um tom bastante significativo da homenagem de ontem foi o fato de, nela, tomarem parte todas as associações de colônias estrangeiras existentes nesta capital e no seio das quais o coronel João Gualberto contava, também, verdadeiras amizades. Enfim, a homenagem ao homem que se fez grande porque soube elevar os pequenos, ensinando-lhes a diretriz do brío, foi uma verdadeira apoteose, somente digna desses vultos homéricos que souberam render preito ao civismo e à honra, por eles baqueando em pleno esplendor da vida. (07/11/1912)

A descrição do cortejo em desfile público até o cemitério, reunindo vários grupos sociais da capital, é repleta de significação; afinal, depois de recorrentes textos sobre o desfecho do combate na imprensa paranaense, os sentimentos patrióticos culminam com o cortejo fúnebre e a aclamação pública do já então consagrado “herói do Contestado”. As regularidades discursivas que perpassam os textos neste momento específico do conflito promovem interessantes efeitos de sentido ao tratarem de maneira consensual a superioridade, o compromisso com o progresso e a paz do Paraná e o cumprimento do dever em defesa da pátria atribuídos ao coronel. Trata-se de uma estratégia discursiva da qual a imprensa lança mão para “sugerir” uma determinada compreensão da realidade com profundas interferências do poder hegemônico.<sup>11</sup>

---

11. O próprio jornal confirma o amplo destaque atribuído às ações do coronel em Irani, enfatizando também os laços de fidelidade e obediência de outro oficial, cuja participação na

Conforme analisa Bethânia Mariani, referindo-se à representação dos jornais no funeral de militares que defenderam o regime na Intentona Comunista (1935),

O tom épico, grandiloquente, remete para uma fabulação na descrição das cerimônias fúnebres que, além de perpetuar uma direção de sentidos, perpetua-se enquanto evento histórico que deve ser repetido para ser lembrado. Ou seja, as narrativas dos funerais, somadas ao dizer que institui o acontecimento discursivo, produzem um efeito de real em termos de história do Brasil, que se cristaliza na materialidade da própria prática social. (MARIANI, 1998, p.187).

É neste sentido que se pode dizer que a personalização do conflito na figura de um líder oficial revela a inserção do jornal em um coletivo imaginário de apoio aos militares que ultrapassa os limites da simples repercussão de um acontecimento na vida dos paranaenses. Representa, ao contrário, o fortalecimento de um imaginário que é reativado constantemente para acentuar alianças e delimitar um inimigo comum; pela prática discursiva dos jornais, apreendem-se relevantes valores de uma época que se incorporam à própria escrita da história.

Interessante perceber que as homenagens a João Gualberto prosseguem, sendo frequentemente lembradas em textos sobre os conflitos do Contestado e em artigos saudosistas, reafirmando o seu papel de herói na memória paranaense. Exemplo disso são as edições comemorativas realizadas ano a ano para lembrar a tragédia do Irani, de modo a reafirmar valores cívicos e conduzir a opinião pública na compreensão dos acontecimentos. As homenagens, no entanto, não se reduzem a palavras; incorporaram-se, também, na vida pública da capital: “O povo do Paraná presta mais

---

campanha do Contestado se mostra relevante: “A figura gigantesca de João Gualberto, na descrição do trágico acontecimento ocupava, na segunda quinzena de outubro, todo o primeiro plano, mas, ali perto, se divisava o perfil desse inferior, que sucumbiu dando a mais edificante lição de como um homem de brio sabe cumprir o seu dever. Caisse aqui ou mais longe, o fato é que o sargento Virgílio da Rosa foi dos que resistiram a pé firme, tombando ao lado do intrépido João Gualberto e batendo-se também com inexcedível denodo. Executou a vontade expressa nesta frase que merece ficar gravada: “vou com o meu comandante”. E morreu; antes, porém, abateu a causa de toda aquela lamentável campanha: foi da carabina certaíra do sargento Virgílio que partiu a bala que deitou por terra o monge José Maria.” (07/12/1912)



uma homenagem ao bravo comandante João Gualberto, morto gloriosamente nos campos do Irany. A iniciativa da Câmara Municipal de Curitiba, dando a uma de suas belas avenidas o nome do herói, foi hoje solenemente efetivada com a colocação da placa.” (21/04/1913)

Este viés nacionalista se faz presente, em maior ou menor grau, em todos os momentos da Guerra do Contestado, no tratamento dado pela imprensa à cobertura dos acontecimentos, à divulgação das baixas e à manifestação de superioridade das forças militares em relação aos sertanejos. Morto João Gualberto, a imprensa se encarregou de, assim que novos combates foram surgindo, eleger figuras públicas que manifestassem semelhante compromisso de defesa do território paranaense e dos interesses patrióticos. Sucessivas nomeações e registros estereotipados das batalhas percorrem as páginas do *Diário da Tarde*, que se torna não apenas porta-voz dos argumentos oficiais como também um espaço de produção e reafirmação dos acontecimentos que marcaram a história do Contestado.

Esta questão pode ser observada tanto em prenúncios de vitória (contestados posteriormente)...

Após longos e terríveis meses de lutas e de perigos, de sufocante inquietação e de progresso paralisado, foi agora pelas forças federais que obedecem ao alto comando do sr. General Setembrino de Carvalho ocupado o reduto de Santa Maria, o último dos perturbadores da paz do Contestado.

É de justiça, pois, que teçamos todos os louvores à dedicação e à bravura do nosso exército e proclamemos bem alto a competência do sr. General Setembrino, a quem devemos uma vitória ansiosamente esperada. (05/04/1915)

... quanto em abordagens emotivas dos fracassos e derrotas.

Hoje foram levados a efeito os funerais dos soldados do glorioso Exército Brasileiro que tomaram no cumprimento do dever em defesa da ordem e da República. Os defensores da pátria, heroicamente mortos, seguiram cobertos pela bandeira brasileira. (15/09/1914)

## O jornalismo na construção (simbólica) da nação

Infelizmente, está confirmado, sem mais dúvidas possíveis, a notícia de que o bravo capitão Matos Costa pereceu vítima dos fanáticos que atacaram são João. Seu cadáver foi encontrado, com horríveis mutilações que bem demonstram em que feras se transformaram os caboclos sublevados. Parece uma fatalidade do destino: exatamente os que não queriam tratar os caboclos como bandidos que merecem extermínio a ferro e fogo, são os que perecem às suas mãos. Ontem tombou o tenente Belísio, que se oferecera para ficar nos sertões, como um apóstolo, chamando com bravura aquela gente ao grêmio da civilização.

Hoje é Matos Costa, que sonhou catequizá-los por meios (*ilegível*), pedindo para isso 200 homens. Matos Costa era um bravo, que não temia a morte, que para a morte marchou com 70 homens quando seus inimigos eram, quem sabe?... 500, 1000. Como foi vencido? Ainda não se sabe e talvez não se saiba nunca. O que se sabe é que ele caiu no seu posto, lutando, 1 contra 10. (14/09/1914)

É sob estas referências de parcialidade e aliança com as forças oficiais que os textos jornalísticos vão tecendo os episódios da Guerra do Contestado. Esta constatação evidencia a importância dos modos de dizer da imprensa na configuração de um acontecimento, devido ao seu poder de construção do real e do imaginário pela ação discursiva. Neste sentido, observa-se que, assim como os sertanejos adquirem, em momentos distintos do movimento, a caracterização de fanáticos, criminosos e vítimas, do “outro lado” são expressos os sucessos e fracassos dos militares e policiais, em meio à utilização da força e da violência e às tentativas de “pacificação”.

Assim, o que transparece nos textos jornalísticos do *Diário da Tarde* é o contraste entre os atos “bárbaros” dos sertanejos e o papel das forças militares em assegurar a paz. Alguns fragmentos do jornal evidenciam esta forma de caracterizar os grupos envolvidos no conflito:

Recebemos uma carta onde são narradas algumas proezas dos pseudo-fanáticos, tais como vários assaltos a propriedades privadas, roubos e morticínios e ainda a ação brilhante e corajosa de um grupo de soldados do sargento Saturaino. (14/09/1914)

Se a caboclada rebelde que infesta os sertões da zona contestada ousar entrar em luta aberta e franca contra as forças legais mandadas em sua perseguição, estas facilmente vencerão, pois formam agora um efetivo de quase

700 homens, superiormente armados e municiaados. Mas, se a caboclada se disseminar pelo sertão, conservando-se de tocaia, ainda não será desta feita que a ordem será restabelecida, porque perdido na imensidade da mata inculta o caboclo é quase invencível. (03/09/1914)

O Regimento de Segurança atacou os fanáticos de Papanduva, servindo-se com muito êxito das metralhadoras que levou. Morreram no combate 120 fanáticos e as nossas forças tiveram apenas um corneteiro ferido. (07/09/1914)

A superioridade das forças (“nossas forças”, conforme registrado pelo jornal) é o que dá o tom de oficialidade aos discursos jornalísticos e serve como característica constante no repertório de heróis construídos pela imprensa. Interessante notar que este argumento percorre não apenas as falas oficiais (como telegramas e informes de guerra)<sup>12</sup>, mas também artigos e depoimentos de outros direta ou indiretamente envolvidos, como demonstra o depoimento de um soldado enfermo que lutou no reduto de Santa Maria:

O combate de Santa Maria foi um horror. Nunca vi, na minha vida, coisa igual. O capitão Potyguara é um homem valente como o diabo. O sucesso dos nossos devemos a ele que, arriscando a sua própria vida, penetrou corajosamente no coito dos bandidos, arrasando tudo que encontrou por lá. Em seguida, os regimentos do 56, 57 e 14 entraram em socorro do seu capitão.” (10/04/1915)

Ao propor um discurso pela paz e pelo progresso no contexto das disputas paranaenses, o jornal revela um campo mais abrangente da

---

12. Todas as informações fornecidas pelo jornal (como ações e estratégias de combate e número de vítimas) chegam aos leitores por intermédio de telegramas oficiais, como o enviado pelo capitão Potyguara ao general Setembrino anunciando o provável fim da guerra e a perda de 56 ‘heróicos homens’: “A alma paranaense, ou, antes, a alma nacional vibrou ontem no mais intenso júbilo com a notícia de que havia tombado, ao heroísmo e dedicação do nosso exército e da nossa polícia, o último reduto em que se encontravam os responsáveis pela luta e pela desordem. Depois de onze dias de marcha, sendo oito de combates dia e noite, tomei e arrasei cinqüenta e três redutos, com sacrifícios enormes do meu heróico destacamento. Matamos em combate a fogo e arma branca perto de 600 jagunços, não contando o número de feridos que se iam arrastando por dentro das matas virgens e quase intransitáveis. Arrasei perto de cinco mil casas, dez igrejas e inúmeros ranchos de palha, tendo apreendido grande número de armas e munições de guerra. Infelizmente, perdemos cinqüenta e seis heróicos homens.” (06/04/1915)

produção social do sentido, com estreitas relações com as coordenadas históricas de tempo, espaço e posições de poder. Assim, pode-se dizer que os textos jornalísticos que retrataram e construíram os acontecimentos que marcaram a Guerra do Contestado têm como traço de origem os processos ideológicos, responsáveis pela construção de determinada leitura do real.

Levando-se em conta que a realidade é o resultado da construção cotidiana de concepções de mundo, ou seja, o resultado de um investimento de sentido que se dá pelas práticas sociais e pelos processos midiáticos, a análise dos textos veiculados no *Diário da Tarde* permite apreender o valor simbólico das notícias na constituição dos acontecimentos, a partir de um contexto marcado profundamente pelos valores republicanos.

Na tentativa de observar os discursos jornalísticos como parte de uma realidade que é ao mesmo tempo vivida e falada, apreendida e projetada no imaginário da sociedade curitibana entre os anos de 1912 a 1916, o presente estudo procura perceber como se dá a produção de sentido em torno das figuras e dos feitos militares, percorrendo textos que expressam o trabalho simbólico de (re)afirmação de posicionamentos, virtudes e verdades dos grupos e instituições oficiais.

Desse modo, a relação do jornal com as questões de fundo político-social (em suma, com o contexto republicano) se manifesta na forma idealizada com que são representadas as forças oficiais do País, a partir de mecanismos e estratégias utilizados pelo jornal para “dizer” a realidade e interpretar a história, segundo posições e interesses determinados. Nomeando heróis ou produzindo criminosos, incentivando ações e batalhas ou pregando a pacificação, o universo da imprensa deixa vestígios que ultrapassam o registro da história: constituem a própria sociedade, com seus movimentos e sentidos.

Assim, pode-se dizer que as regularidades e eventuais rupturas dos significados discursivos constituem a historicidade da Guerra do Contestado, produzindo simultaneamente um imaginário social que permite aos paranaenses fazer parte de um Estado, de uma história e uma formação social determinada.